

Isabel Castro Henriques, *O Pássaro do Mel* Estudos de
História Africana - Edições Colibri, 2003

José Capela

Em 248 páginas Isabel Castro Henriques reúne vários estudos de História africana ilustrados por uma iconografia a propósito. Tudo subordinado ao título particularmente sugestivo e por isso mesmo sedutor de *O Pássaro do Mel*. Vindo de onde vem e não tendo escapado ao grande observador e relator do sudeste da África oriental que foi Frei João dos Santos, o fascínio da proposta é inevitável. O que, da parte da autora, se manifesta na expressão do recurso à carga simbólica do pássaro mirífico, dotando-a com a convicção manifestada de «analisar com paixão e paciência os termos de construção das civilizações africanas». Paixão e paciência, sim, dotes sem os quais o êxito da tarefa estaria gorado à partida.

Aquilo que é aqui designado «estrutura religiosa das sociedades africanas» surge no primeiro estudo apresentado sob o título «Integração do Comércio no Religioso». Se, por um lado, as evidências fáceis de captar nos actos comerciais, dada a quantidade dos registos que até nós chegaram, e isso nomeadamente por via da participação dos europeus, privilegiam a manifestação religiosa mediata ou imediatamente associada a tais actos, por outro lado, não podemos deixar de nos interrogar sobre a pertinência do método para aproximação à estrutura enunciada. Não pode no entanto deixar de se assinalar a constatação segundo a qual a instância religiosa é «a instância suprema das actividades sociais» a que os mesmos europeus não deixam de prestar vassalagem, meramente formal que seja.

Outra questão abordada é a da identidade do «escravo» africano. Questão não apenas morfológica mas sobretudo epistémica. Uma vez que o termo «escravo» foi indiscriminadamente utilizado pelos ocidentais

para designar condições diferentes de dependência nas sociedades africanas, estabeleceu-se uma situação de equivocidade multiplicada pela atribuição simétrica da mesma designação tanto a situações típicas dessas mesmas sociedades africanas como ao africano sujeito à escravidão colonial moderna. O problema não se resolverá a partir da enumeração casuística, muito menos ilustrando-a com a referência a «escravos autênticos». A questão não estará tanto na «insuficiência da «grelha linguística europeia» como na inutilidade do recurso à descrição face à carência da definição prévia. O que é um escravo «autêntico»? A questão levantada pela autora tem toda a pertinência nomeadamente quando se pretende absolver moralmente a escravidão e o tráfico de escravos, escravidão e tráfico coloniais, a coberto de situações idênticas verdadeira ou supostamente pré-existentes.

Se estes dois temas são especialmente estimulantes, outros se seguem com não menor interesse: Sal; Comércio e poder em Angola; A violência: chave da autonomia tshokwe; Tempos africanos, leituras europeias; Itinerários comerciais e invenções culturais; As «fronteiras dos espíritos» na África central.